
Os suspeitos em número de 8 (oito) e idades compreendidas entre os 12 (doze) e os 19 (dezanove) anos abandonaram o Bairro 1º de Maio situado na região noroeste da capital e infelizmente conhecido pela sua degradação física e inerentes problemas sociais às 22h00 (vinte e duas horas e zero minuto) na direcção da Amadora onde julga-se que por volta das 22h30 (vinte e duas horas e trinta minutos) hipótese sujeita a confirmação após interrogatório quer dos suspeitos quer de eventuais testemunhas até ao momento não localizadas furtaram pelo método denominado da chave-mestra

(sujeito a confirmação também e que adiantamos como provável derivado ao conhecimento do modus operandi do grupo)

2 (duas) viaturas particulares de média potência estacionadas nas imediações da igreja a curta distância uma da outra e no lado da rua em que os candeeiros fundidos

(vandalismo ou situação natural?)

permitiam actuar com maior discrição após o que se dirigiram para a saída de Lisboa no sentido da auto-estrada do norte utilizando a via rápida que por não se acharem as ditas viaturas munidas do dispositivo magnético necessário à sua utilização registou as matrículas conforme fotocópia anexa aliás não muito nítida e previne-se respeitosamente o comando para a urgência de melhoramentos no equipamento caduco: fotocópia número 1 (um) embora perceptível é verdade com uma lupa decente.

Temos motivos para adiantar com base em actuações preteritas essas sim já aferidas que os suspeitos se distribuíram nos veículos de acordo com a ordem habitual ou seja o chamado Capitão de 16 (dezassexis) anos mestiço, o chamado Miúdo de 12 (doze) anos mestiço, o chamado Ruço de 19 (dezanove) anos branco e o chamado Galã de 14 (catorze) anos mestiço na dianteira e os restantes quatro, o chamado Guerrilheiro de 17 (dezasete) anos mestiço, o chamado Cão de 15 (quinze) anos mestiço, o chamado

Gordo de 18 (dezoito) anos preto e o chamado Hiena de 13 (treze) anos mestiço assim apelidado em consequência de uma malformação no rosto (lábio leporino) e de uma fealdade manifesta que ousamos sem receio embora avessos a julgamentos subjectivos classificar de repelente

(vacilámos entre repelente e hedionda)

a que se juntava uma clara dificuldade na articulação vocabular muitas vezes substituída por descoordenação motora e guinchos logo atrás, salientando-se a importância do chamado Ruço ser o único caucasiano

(raça branca em linguagem técnica)

e todos os companheiros semi-africanos e num dos casos negro e portanto mais propensos à crueldade e violência gratuitas o que conduz o signatário a tomar a liberdade de questionar-se preocupado à margem do presente relatório sobre a justiça da política de imigração nacional. Cerca das 23h00 (vinte e três horas e zero minutos) as duas viaturas alcançaram a primeira estação de serviço do trajecto Lisboa-Porto a cerca de 30 (trinta) quilómetros das portagens tendo parado com os motores a trabalharem

(existia apenas uma furgoneta numa das bombas)

diante do estabelecimento envidraçado no qual se efectua a liquidação do montante de gasolina adquirida e onde se pode malbaratar dinheiro em revistas jornais tabaco

(espero bem que não álcool)

pastilhas elásticas e ninharias. No citado estabelecimento encontrava-se o empregado a conversar sentado à caixa registadora com o condutor da furgoneta e outro empregado mais idoso a varrer o soalho adjacente a uma porta de escritório ou compartimento de arrumos

(deseja-se que não destinado à venda clandestina de bebidas espirituosas)

com a placa Interdita A Entrada mal aparafusada à madeira. Os suspeitos apetrecharam-se de gorros de lã e óculos escuros e ingressaram sem pressa no local

(de acordo com o depoimento do empregado da caixa um deles e ignora a especificação do indivíduo assobiava)

transportando espingardas de canos serrados e pistolas do Exército e concedo-me uma breve digressão no meu entender não inteiramente despicienda para sublinhar no caso de me autorizarem

uma nota íntima que as estações de serviço à noite iluminadas na beira do caminho me fazem sentir menos desditoso e só quando regresso de Ermesinde aos domingos de madrugada da visita mensal à minha filha, o mundo com as suas árvores confusas e as suas povoações logo perdidas cujo nome desconheço me surge demasiado grande para conseguir entendê-lo e as bombas de gasolina próximas, nítidas, ia escrever cúmplices mas retive-me a tempo me garantem que apesar de tudo possui um lugar ainda que ínfimo no concerto do universo, alguém talvez me espere tomara descobrir em que sítio com a chávena de um sorriso numa toalha amiga e eu comovido senhores, eu grato, peço perdão de inserir num documento oficial e em papel do Estado este desabafo importuno e este desejo absurdo de companhia: rodar a fechadura e escutar na despensa, na sala, não ousou sugerir que no quarto uma voz que pronuncia o meu nome

— És tu?

em vez do silêncio do costume e da indiferença das coisas de modo que as estações de serviço à noite, escrevia eu, se avizinham da noção de felicidade que há tanto tempo procuro. Adiante. Prosseguindo o presente relatório de que sem desculpa

(estou cónscio do erro e penitencio-me dele)

me desviei os suspeitos transportando espingardas de canos serrados e pistolas do Exército ingressaram sem pressa

(um deles, e a dúvida de qual deles, assobiava)

no local sem que o empregado da caixa ou o condutor da furgoneta lhes dessem atenção ocupados a comentarem a notícia de um periódico desportivo e foi o empregado que varria o soalho adjacente ao escritório ou compartimento de arrumos

(o qual não continha, acrescento com alegria, bebidas espirituosas embora não ponha de parte, que vigaristas não faltam, a hipótese de as haverem ocultado antes da minha visita)

quem se apercebeu do assalto erguendo a vassoura e prevenindo o sócio

— Olha estes miúdos pretos César

sem oportunidade para mais considerações dado que uma das espingardas de canos serrados disparou 5 (cinco) projectéis consecutivos não se lhe notando sangue na roupa, o sangue na parede atrás dele depois de cair em estremeções sucessivos isto é poisando as nádegas no chão a olhar os suspeitos ou não

olhando ninguém conforme o meu padrasto levantava a cabeça cega das palavras cruzadas a remoer sinónimos e a baixava de novo preenchendo os quadradinhos em maiúsculas triunfais, a mão direita

(do empregado não do meu padrasto)

alongou-se, o médio, que durou mais que os outros dedos encolheu um tudo nada

(estou a vê-lo daqui)

e pondero se o vento tocava os arbustos lá fora ou os deixava em paz: durante séculos em criança pensei que as árvores sofriam, os teixos por exemplo uma mágoa quieta, eu às pancadinhas nos troncos

— O que se passa com vocês?

e nenhuma resposta, dores secretas como em geral os ramos, fingem continuar, disfarçam-nas e no entanto quando pensam que os não vemos fabricam um lagarto numa ranhura da casca que é a sua forma de segregarem lágrimas, o condutor da furgoneta julgou recuar um passo e proteger-se com uma pilha de revistas sem recuar passo algum, uma coronha de pistola apanhou-lhe o ombro e a metade esquerda dos ossos que uma sobrançelha a tremer amparava, desajustou-se da direita o meu padrasto esse aguentava a cólica renal com o auxílio não da sobrançelha, da palma empurrando-a para o interior da cintura

— Não me atormentes agora

e tenho a certeza que os arbustos da estação de serviço a sacudirem flores miúdas sem nome, tantas folhas a vibrarem desejando que as socorrêssemos

— Eu eu

um dos suspeitos deu a volta ao balcão e entornou a gaveta da caixa num saco, um automóvel desceu para as bombas de gasolina porque buxos novos surgiram do escuro, uma claridade geométrica fixou-se no tecto, aumentou e o que eu não pagava para observar os buxos, o condutor da furgoneta indiferente a eles mancou um passo na direcção dos faróis com a sobrançelha a puxá-lo e a metade que não pertencia à sobrançelha um peso mole a resistir, o cano da pistola um fuminho, ninguém se apercebeu do ruído

(ter-me-ia apercebido do ruído se estivesse com eles?)

o condutor da furgoneta de joelhos contra a vontade da sobrançelha indignada com a desobediência

— O que é isto?

e isto é um peito que tomba, não uma pessoa, um sapato a dilatar-se, a argola das chaves que se desprende da algibeira e a argola que esquisito um ruído imenso, lento, o empregado da caixa sem entender o sapato enorme e as chaves, um nariz que escorregou para a boca

(engole-o não o engole?)

os

(não engole)

suspeitos em número de 8 (oito) e idades compreendidas entre os 12 (doze) e os 19 (dezanove) anos abandonaram a estação de serviço às 23h10 (vinte e três horas e dez minutos), continuaram para Santarém e os arbustos serenos, a certeza que num ponto do escuro, talvez na minha cabeça

(creio que na minha cabeça)

uma janela a bater, o meu padraço para a minha mãe do interior das palavras cruzadas

— A janela

(de tempos a tempos quando menos espero um incómodo de gonços, a voz dele

— A janela

eu a espreitar em torno, nem uma corrente de ar para amos- tra e no entanto a certeza de um estranho respirando-me no pescoço comigo a perguntar

— Qual janela?)

as viaturas furtadas cortaram à direita 12 (doze) quilóme- tros acima e o dispositivo magnético esquecido da sua obrigação

(— Qual janela?)

não assinalou as matrículas, pinheiros bravos, carvalhos

(não sou forte em Botânica e estava aqui a pensar se arrisco castanheiros ou não, não arrisco, como descrever um castanheiro em condições?)

vivendas de emigrantes algumas por completar

(quase todas por completar, basta de imprecisões rapaz, gosto de me tratar por rapaz aos sessenta e três anos, dá-me a ilusão que a morte, deixemos o assunto, siga a banda)

um cozinheiro de cerâmica de tamanho natural com a ementa em riste a anunciar uma churrascaria ou seja uma esplanada de cadeiras empilhadas e guarda-sóis recolhidos, a sedazinha turva

de um gato a escorrer almofadado de um tapume, um rádio numa varanda aberta que os suspeitos não escutaram, depois do chafariz uma travessa, duas travessas, a nossa casa que podia ser acolá e não era, a minha mãe para o meu padraço

— Fazias melhor se largasses o jornal e vedasses a janela
insistem que me pareço com a minha mãe e argumento
que não, comparando com o retrato

(não me lembro em pormenor das feições)
talvez as orelhas e o contorno do queixo, a expressão nem sonhar, de acordo com a minha mãe de resto eu o meu pai por uma pena

— Já não me bastou um tenho que aturar outro
quando o meu pai um pacífico coitado, depois da reforma cantava no orfeão da paróquia e via a chuva cair, tardes e tardes no sofá murmurando não imagino o quê

(a minha mãe imaginava

— Lá estás tu)

a ver a chuva cair, uma travessa, duas travessas, no fim da segunda travessa um largo e no largo uma loja de telemóveis, o meu pai trabalhou na Polícia também não como agente de investigação claro, faltavam-lhe miolos, nos Serviços Gerais, copiava minutas, carimbava, contava as moscas no estore, o chefe do fundo

— A pensar na morte da bezerra Gusmão?

quatro dos suspeitos, 23h48 (vinte e três horas e quarenta e oito minutos) saíram dos bancos da retaguarda das viaturas furtadas e quebraram a montra sem se preocuparem com o alarme que principiou aos uivos, não uma campainha, uma espécie de sereia a sacudir o sistema solar a mãos ambas, onde moro as ambulâncias descolam-me o lustre com os seus berros de esfaqueadas e os pingentes arrepiam-se trocando de posição enquanto os vizinhos

— Que susto

os suspeitos encheram as bagageiras de caixotes cabos instrumentos acessórios e decorridos onze minutos precisamente, às 23h59 (vinte e três horas e cinquenta e nove minutos) seguiram em sentido inverso de regresso a Lisboa, a segunda travessa, a primeira travessa, o chafariz com uma torneira de latão que mesmo fechada continuava a pingar, a música do rádio que não escutavam enquanto a sereia transmitia as suas ânsias num deserto de sombras, os pinheiros bravos, os carvalhos, a via rápida que desta vez

(há coisas que funcionam valha-nos isso num país em decadência)

fotografou as matrículas conforme consta do respectivo documento apenso

(no caso de não ter caído ao chão)

que se o meu pai continuasse vivo e escriturário

(não tenho vergonha do meu pai não se acredite nisso)

lhe passaria pela mesa para o visto de entrada

(não se demorava a lê-lo pois não senhor?)

terminando no colega que os despejava num cesto em que não se mexia, mais maçadas para quê o que não falta são crimes

(— Desculpe se a contrario mãe mas o que herdei do meu pai?)

hesitaram na estação de serviço na volta entramos não entramos, principiaram a travar, guinaram para um cachorro vadio sem conseguir atingi-lo, desistiram da estação de serviço e do bicho que aliás desapareceu numa madeixa de moitas, preferiram um casal num carro, o homem ao volante todo pinoca e a mulher a pentear-se inclinada para a frente no espelho da pala, colocaram o carro do casal entre as viaturas furtadas

(não tenho vergonha do meu pai?)

e foram abrandando tocando-lhe de leve, a mulher deixou de pentear-se e diminuiu no banco, o pinoca tentou obliquar para a outra faixa e uma batida no ângulo do pára-choques impediu-o de maneira que o carro e o casal imobilizados aos poucos, 00h14 (zero horas e catorze minutos) de acordo com o depoimento da mulher sujeito ao erro do medo, na minha opinião eu que refiz o percurso 00h30 (zero horas e trinta minutos) no mínimo e um espaço à direita para os postes de chamada de quando os radiadores avariaram, experimentei-o e uma mudez comprida

(afinal nem uma só coisa trabalha num país em decadência)

eu para ali feito parvo de aparelho no ar e o meu ajudante pelo vidro descido

— Largue isso

cheio de opiniões e presunções, faça assim não faça assim, mais alto que eu, com dois terços da minha idade e o cabelinho abundante, decidido a tomar-me o lugar e há-de tomar-me o lugar é uma questão de meses porque neste Purgatório injusto são os que sabem agradar aos patrões não os que trabalham quem ganha

(tenho sentido isso na carne, não me promovem há anos, a mesma função, o mesmo ordenado e agradece)

e ao tomar-me o lugar não me atreverei a palpites pelo vidro descido

— Largue isso

fico à espera obediente, composto, tem razão senhora, eis o meu pai chapadinho, dêem-me um carimbo e eu feliz, humedeço-o na almofada e o escudo da República brilhante de tinta no ângulo superior direito das páginas, o carro do casal adornado na berma com as viaturas furtadas encostando-se a ele, não árvores desta feita e por conseguinte não hipótese de castanheiros que não me atrevera a descrever, pinheiros e carvalhos vá lá, castanheiros não, tenho consciência dos meus limites, não árvores, um carril de protecção a impedir um valado com um ribeiro em baixo, visto que lodo a saltar entre caniços e na primavera seisos transformados em rãs que ganham pernas, se arqueiam, diz-se que comem mosquitos, os suspeitos fora das viaturas sem gorros nem óculos, um branco, um preto e seis mestiços

(creio ter mencionado isto tudo)

de idades compreendidas

(curiosa expressão, quem compreende as idades?)

entre os 12 (doze) e os 19 (dezanove) anos, o mais velho o branco a que chamam Ruço e não mandava um cisco, o pinoca a travar as portas, a mulher esquecida do cabelo

— Jesus

não se estava na primavera e portanto não rãs, seisos que não ligavam aos mosquitos e ervinhas com ambições de juncos não realizadas por enquanto, os suspeitos utilizaram as chaves-mestras nas portas, um camião passou por eles com um atrelado de vitelos de que se distinguiam reflexos de pêlo, mandíbulas, baba, um dos pneus solto ia dançando no eixo e o sujeito na cabine com uma ferradura no tejadilho a dar sorte, nunca acreditei em amuletos, ferraduras figas trevos de quatro folhas de esmalte, ou se nasce de cu para a lua ou não se nasce, não nasci e acabou-se não vou chorar por isso embora haja ocasiões em que uma lágrima não me caísse mal, impeço-a de chegar ao olho empurrando-a com o polegar e que remédio tem ela senão voltar para dentro e desistir, adeus lágrima, a porta do pinoca e a porta da mulher escancaradas, o pinoca

— O que desejam os senhores?

não pelos lábios, pela maçã de adão visto que a apertar o guiador de lábios selados, escancararam-se no momento em que a mira de uma pistola do Exército lhe rasgou a bochecha e a quantidade de dentes meus irmãos que o pavor traz consigo, caninos, pré-molares, molares e uma porção deles sem nome que ignorávamos existirem, o pinoca quis tirar o lenço da algibeira mas filaram-lhe o cotovelo

— Não somos senhores somos pretos

e o pinoca com os dentes sem nome de bruços no alcatrão à medida que a mulher

(na terra do meu pai dúzias de castanheiros, só no quintal do abade para cima de vinte, rachavam-se os ouriços com um martelo e no interior os frutos mais ou menos desfeitos de que se pelava a casca e se enrolavam na língua)

fundida no banco a repetir

— Jesus

(porque diabo teimava em comê-los?)

um dos suspeitos filou-lhe o cotovelo igualmente e a mulher a rezar, não uma reza como deve ser, palavras que se enganchavam misturando-se, tinha um fio e anéis e continuou a rezar ao tirarem-lhos e ao despertarem-lhe a blusa, pela parte que me cabe estas violências indignam-me, o meu ajudante acabou-me com as indignações

— É a vida

de farolim na comissária que lhe deixava bilhetinhos tresandando perfume, a reza prolongou-se sem descanso durante o tempo, cerca de 00h15 (quinze minutos) em que a usaram esmurcando-se e troçando-se, uma sandália de tacão derrapou para o valado a unir-se aos gorgolejos e aos suspiros da água, na primavera tornar-se-ia uma rã a coaxar ao crepúsculo sem que nenhum ser vivo a atendesse, quem se rala com uma sandália entre poças, o meu padraço nunca vedou a janela, jogava dominó no café e assobiava sozinho, há alturas nos dias de folga em que de roldão com a janela o assobio me visita e dou por mim a imitá-lo, mais sopro que assobio ao arrumar a casa, um novo camião sem vitelos nem baba, cinco ou seis carros e mal um carro o pinoca a esperar-se e nada salvo nuvens de inverno para as bandas do Tejo porém insignificantes, sem préstimo e o pinoca embaciado de desilusão, não cheguei a

vê-lo no tribunal de cara consertada porque entretanto a reforma, as plantas dos vasos que necessitam de afecto e o dominó por meu turno, explicaram-me na florista que as begónias gostam de conversa como os animais ou as crianças, se a minha mãe sonhasse mandava-me calar

— Ficaste parvo tu?

numa resignação de desgosto a lembrar-se da sentença da professora da escola que me acompanhou quarenta anos

— Não sabe as capitais

do meu ponto de vista um pecado menor recorde-se por exemplo sei lá Copenhaga, Oslo, cidades onde me fotografaram em agostos cinzentos contra uma ponte ou uma estátua, no álbum o meu sorriso mas tão confuso, de um estranho, quem é este afinal de casaco fora de moda e chapelinho ridículo, a mulher num marco quilométrico com a blusa em tiras e uma ferida na testa derivado a uma coronha, verifique-se no espelho minha senhora, limpe as nódoas com o lenço, o relógio do pinoca no pulso de um dos suspeitos marcava 00h53 (zero horas e cinquenta e três minutos), garrotaram-lhe o pescoço com a gravata e os dentes maiores, se estivesse presente, eu a quem faltam vários, contava sessenta no mínimo, os dentes um soluço e o homem de banda, tiraram-lhe os cartões de crédito e o cinto, à superfície do ribeiro um projecto de rã num esboçozinho de pulo, e se calhar não uma rã, um seixo com pretensões ou a sandália da mulher, um celeiro distante onde as corujas descobriam morcegos numa prega de silêncio e os puxavam com as unhas em arrepelos de guinchos, o sacristão jurava que bebiam o azeite dos pavios dos mártires, perguntei ao meu padraсто e o meu padraсто

— A janela

dado que dobradiças que não havia a oscilarem ou então os joelhos da mulher um contra o outro só ossos o que faz o pânico, os feijoeiros da minha mãe na horta o mesmo som quando o vento, um idioma de vagens impossível de traduzir e eu pasmado

— O que será?

com receio que o meu avô defunto

(era menino para isso)

abandonasse o cemitério e nos chamasse lá fora, a minha mãe

— Que quer você paizinho?

e não o víamos mais porque se tornara cruz como tantos outros na aldeia, o que me ficou dele consistia num guarda-chuva a abandonar a mercearia com uma garrafa de vinho, a minha tia

— Não tem vergonha senhor com o fígado em papas?

e as falanges do meu avô cada qual por sua conta sem acertarem com a rolha, ajudava-o em segredo

— Aí tem

na mira que a minha destreza compensasse as capitais, Ceuta, Manila, Bordéus, o velho não se queixava das janelas, sorria, um dos suspeitos calou a reza da mulher com um golpe de canos e alguns dentes sem nome embora poucos, dois, três, capazes de

— Jesus

num gaguejar difícil, o meu avô nas últimas semanas sem perder o sorriso

— Não há vinho filhinhos?

o merceeiro trouxe uma garrafa por ordem do doutor

— Não faz diferença acabou-se

que durou meses na cabeceira, intacta visto que antes da garrafa chegar o sorriso do meu avô desistiu e no sítio do sorriso um céu da boca gigantesco trancado pelo pano sob a mandíbula que tornou o falecido um novelo de pregas sem narinas nem órbitas, quando a minha altura vier ficarei assim, de pijama, um cangalho ressequido que um quadrado de mármore aferrolhará no buraco, o meu apelido, umas datas, o título de agente de primeira classe, nisso faço questão por haver gasto a saúde neste trabalho absurdo sem um obrigado para amostra, fosse o engenheiro que esquarteraram na arca frigorífica fossem os bandos de miúdos pretos entregavam-me instruções absurdas e eu ia, a propósito de bandos de miúdos pretos os suspeitos devem ter abandonado o casal diria que à 01h00 (uma hora e zero minutos) e redijo diria por não conseguir da parte da mulher que visitei no hospital uma afirmação que me aclarasse, antes me fez lembrar nas pregas da cara o meu avô com o pano obrigando-me à emoção de épocas mais íntimas, a minha tia, a minha mãe, a cozinheira do abade que me oferecia compota a rosnar

— Seu guloso

aos suspiros, a feira de São Cipriano e o carrossel de antílopes e elefantes de pau que em certas noites de outubro quando a chuva nos torna piegas invadem a memória em espirais de ternura, os suspeitos diria eu que abandonaram o casal

(espirais de ternura e a interrogação amarga

— O que fiz da minha vida?

sem a esmola de uma resposta por mentirosa que seja que me justifique e anime)

à 01h00 (uma hora e zero minutos) retomando o caminho de Lisboa, à 01h12 (uma hora e doze minutos) não obedeceram em Alenquer onde o astro saudoso que rompe a custo o plúmbeo céu se tornava maior ampliando a claridade das fábricas sem mencionar um outro restaurante com outro boneco este de cartola e gravata a exhibir a ementa, à ordem de paragem de uma Brigada de Trânsito, antes procedendo a uma mudança súbita de direcção que obrigou um dos militares a refugiar-se num plátano

(não castanheiro é evidente, uma ocasião ao preparar-me para rachar um ouriço martelei-me)

creio que plátano

(testemunho manuscrito em juntada, com incorrecções ortográficas mas suficientemente óbvio e autenticado pelo Comando)

tendo a patrulha participado de imediato via rádio aos colegas postados

(— Seu guloso

e uma aflição que não eram cócegas era um formigueiro que subia dos joelhos, me obrigava a erguer-me em bicos de pés, se desvanecia logo e eu cansado)

na entrada de Alverca, a mulher no hospital enxergou-me o bloco e desviou a cara, perdoem-me se exagero mas visita-me a suspeita de existir qualquer coisa em mim, no aspecto, na maneira de exprimir-me, no cheiro, que afasta as pessoas, o meu chefe para não ir mais longe nunca me estende a mão

— Fale daí que eu oiço

entrincheirado nos códigos em soslaiozinhos enjoados, as dactilógrafas nem um cumprimento de subordinadas muito menos de interesse e a janela de novo fechando e abrindo, a arrastar-se nos gonzos, a patrulha de Alverca

(conheci uma senhora em Alverca que escrevia sonetos para jogos florais)

armou uma barragem na estrada com placas pregos, tiveram de retirá-la por causa de uma ambulância e as viaturas furtadas passaram, as vivaças, pegadinhas à ambulância antes de as colocarem de novo

(cessámos de nos ver sem oportunidade para o

— Seu guloso

e o formigueiro pelos joelhos acima, trabalhava num laboratório de análises a atender os telefones e de cada vez que lhe ligava

— Já o chamo

e esquecia-se)

os suspeitos abandonaram as viaturas furtadas em Benfica nos prédios que prolongavam o mercado e onde a minha prima Cecília morou durante o primeiro casamento

(mentira, respondeu uma vez

— Não tenho tempo desculpe experimente quarta-feira e na quarta-feira uma voz desagradável a despachar-me

— Está de folga não vem)

o mercado de portões corridos e nenhuma camioneta de fruta ou criação por enquanto, um jardim de canteiros mal aparados num dos quais um mendigo se envolvia em jornais com um pequinês a que faltava uma pata encostado à barriga, os suspeitos alinharam as viaturas perto de um jipe

(tornei a pegar no telefone em diversas ocasiões se um ameaço de formigueiro despontava ou a melancolia da chuva me doía na alma e desistia a meio do número, mesmo que formigueiros ou chuva de regresso, não a procuro mais)

para o qual transferiram os caixotes da loja de telemóveis, resolveram o problema do trinco com um aramezinho e um cartão de plástico, misturaram fios sob o volante, o motor sacudiu-se entre bielas e principiou a rressonar, o mendigo cumprimentou-os do canteiro num júbilo de mangas erguendo a corda do pescoço do pequinês que se sobressaltou num ganido, a minha prima dirigia um estabelecimento de animais, periquitos, coelhos, ossos de borracha, rações, um hamster a pedalar na sua roda em guinchinhos nervosos, nunca conheci um sujeito tão furiosamente ocupado como ele, a minha prima teimava que lho comprasse mas a sua agitação perpétua assustava-me, não me apetecia chegar a casa ansioso pela paz do sofá, fechar os olhos, esquecer-me de mim e dar com o ímpeto do hamster na cozinha e os soluços da roda, acordar no escuro com dó daquele padecimento de condenado tão semelhante ao meu, cada qual a trotar no seu canto numa exaltação vã, os suspeitos enlataram-se no jipe, contornaram o jardim e partiram sob a aprova-

ção do mendigo no azimute da Amadora com o Bairro 1º de Maio a norte e o parque de campismo a leste, palpita-me que às 02h00 (duas horas e zero minutos) e quem me garante que em cada rulote ou tenda não existe um bicho com insónias determinado, estúpido, nunca tratei a telefonista pelo nome que aliás me escapa como quase tudo na vida excepto a janela que insiste, dava-lhe madame, sei comportar-me com elegância em matéria de convívio, tenho a noção do respeito, o jipe bordejou o parque de campismo onde abertos negros e do outro lado da estrada barracas de imigrantes da Ucrânia, o meu avô

(aí estava ele)

de guarda-chuva a sorrir, existia um retrato seu fardado de recruta a pasmar para a gente que levou sumiço do álbum, calculo que a minha mãe o rasgou numa das suas espirais de zanga

— O piteireiro

ao pagar-lhe as dívidas da mercearia, dúzias de pedaços de papel translúcidos de gordura com o número de litros a lápis e José da Conceição Esteves por baixo apimentado com o desenho de uma estrela ou um pássaro

(a minha mãe

— Grande pássaro o velho)

as barracas dos imigrantes da Ucrânia com cortinitas e alpendres a disfarçarem a fome sublinhando-a mais, após o parque de campismo um vazadouro de lixo em que fumegavam detritos dando-me a ilusão que o Tejo se retirara momentos antes dali, se não tomo cuidado e não o limpo aos domingos o meu andar igual, aposto que se presente o abandono no patamar até de fechadura trancada, não exagero palavra, se pudesse voltar ao princípio e recomeçar esta prosa, se você estivesse comigo e me ajudasse mãe, os suspeitos um túnel à direita antes do Bairro 1º de Maio entre muros de quinta, não bem um túnel, uma vereda que outubro desarranjou, casas de tempos a tempos mais capoeiras e pomares melancólicos de laranjas e nêspersas, fabriquetas também julgo eu e que diabo produziam no meio de cardos, a vereda formava um gancho no limite de um bosque onde ângulos de parede sob telhados sumários ou seja placas de fórmica a desarticularem-se, os suspeitos

(nenhuma coruja a fixá-los)

esvaziaram o jipe num dos ângulos de parede

(pronto confesso tenho vergonha do meu pai)

percebia-se um poço com a roldana do balde e um tractor sem volante nem pneus, o assento de napa em que dormiam melros, arrisquemos uma hora, 02h54 (duas horas e cinquenta e quatro minutos) e o poço vazio com os meus olhos no fundo, cobriram os caixotes de oleado, reocuparam o jipe

(essas luzes ao longe os Moinhos da Funcheira, a Brandoa, outra terra e no caso de outra terra que terra em que talvez uma mulher me aceitasse numa cave simpática)

e o único farol do jipe a cambulhar nos desníveis, quase uma lamparina com a sua língua azul que subia e descia não aclarando nada, embateram no gume de um poste, embateram numa esquina, o meu ajudante

— Vão lixar a traquitana vai ver

um dos cilindros ou uma válvula deixou de funcionar ao recuperarem a estrada, a mecânica roncous, espasmos

(você assim mãe com as dificuldades do esófago, escrevi esófago e esófago)

e o jipe alargou-se sobre si mesmo na desistência dos gordos, o meu padraço gordo e a prova que gordo está em que a aliança dele nem no polegar me serve, o meu avô magrinho tirando o inchaço do ventre, eu nem gordo nem magro, amolecido, estas dobras na cintura, estes papos, os suspeitos desrolharam o tanque de gasolina e o meu ajudante

— Eu não disse?

enfiaram panos no depósito e pegaram-lhe fogo, gostava de ter um corpo enérgico capaz de pisar com decisão as folhas mortas dos dias, não pernas que flectem sem dignidade e o pescoço bambo, compreendo que a telefonista me evitasse, desculpa-a, não me zango por isso, o meu ajudante a espiar o depósito

— Ponham-me a mandar neste país durante cinco minutos e mato os pretos todos

se estivesse no meu lugar a telefonista não marcava ligações nas folgas nem mentia

— Já o chamo

desprezava o trabalho em gargalhadinhas de pomba a inchar arrulhando

— Um momento

e no meu caso um meneio de ombros e o nariz a detestar-me

— Aquele

eu sempre aquele, um aquele, um importuno a maçar, o jipe, carvões que arrefeciam num cone de cinzas e o meu ajudante possesso

— Não é que deram cabo da traquitana os camelos?

ao mesmo tempo que os suspeitos em número de 8 (oito) e de idades compreendidas entre os 12 (doze) e os 19 (dezanove) anos no Bairro 1º de Maio situado na região noroeste da capital e conhecido pela sua degradação física e inerentes problemas raciais isto é um pudim de edifícios de matérias não nobres, fragmentos de andaime, restos de alumínio, canas e habitado por gente de Angola, criaturas mestiças ou negras e portanto propensas por natureza à crueldade e à violência o que leva o signatário a questionar-se de novo preocupado à margem do presente relatório sobre a justeza da política de imigração em curso enquanto convocava o ajudante

— Vamos embora daqui

avançando para o talude onde destruíram o jipe, isto de dia às 11h00 (onze horas e zero minutos) de ontem e o poço e os melros, nós dois a perguntar-nos

— O que fazemos a seguir?

especados sob os fragmentos de andaime no limite do bosque sem castanheiros nem ouriços, a minha mãe

— Andaste a comer castanhas tu?

numa fúria que ainda hoje me assusta, bétulas acho eu, doninhas e toupeiras que almoçavam as sombras ameaçando a gente com os incisivos minúsculos e nós com receio dos bichos, de uma espingarda de canos serrados ou uma pistola do Exército que nos procuravam ora a mim ora a ele, dos miúdos que não falavam quase nem fariam connosco, saíam das viaturas furtadas chegando-se sem pressa e uma das nossas mãos a alongar-se na manga, o médio que durou mais que os outros dedos a encolher-se e pronto, chaves que se desprendiam da algibeira num ruído imenso, lento, o nariz a descer para a boca

(engole-o não o engole?)

e perdoe madame não marcar o número de telefone do laboratório de análises, escutar-lhe a impaciência

— Não tenho vagar desculpe experimente quarta-feira

num estalido de adeus, não um estalido de adeus, um estalido somente, ombros que me desdenhavam

— O chato
a certeza que num recesso do escuro ignoro onde, talvez na
minha cabeça

(na minha cabeça)

uma janela a bater, o meu padraço para a minha mãe

— A janela

e quando menos espero um incómodo de gonzo, eu a mi-
rar em torno e nem uma corrente de ar para amostra, a sensação que
um desconhecido na poltrona comigo a perguntar

— Que janela?

e a tolice do

— Que janela?

porque a única possível, a da sala da minha mãe que ven-
demos há anos principiou a abrir-se

— Sou eu

de modo que me verei a sorrir com o guarda-chuva aberto
e a garrafinha na mão, moro num segundo andar sem elevador que
me obriga a conquistar os patamares com sapatos cada vez mais
pesados, começo a escutar não lhe dando atenção e mais presente
depois, sem repouso, monótono, um chiarzinho apressado, suspen-
do-me no patamar

— O que será?

penso nas colegas da telefonista, no meu ajudante, no meu
chefe, nos miúdos pretos e afinal um hamster a pedalar a sua roda
que a minha prima me depositou na cozinha

— Para te fazer companhia

munida de um cartucho amolgado

— Uma vez ao dia deitas-lhe uma colher no prato e não
te preocupas mais

e aquela ânsia sem conserto, eu descalço, de colarinho
aberto, amornado com uma sopinha e uma peça de fruta

(não castanhas)

a concluir com alívio

— Um hamster não pode ser adormeci com certeza

a levantar-me por descargo de consciência e a cozinha
deserta isto é o fogão, o tanque na marquise, a loiça que me
esqueci de guardar e ruído algum tirando a culatra de uma es-
pingarda de canos serrados que puxavam atrás, eu tranquilo, sem
receio

(receio de quê, estou em casa)

com duas torções de chave por precaução na entrada a escutar os melros que abandonavam o tractor e 8 (oito) suspeitos de idades compreendidas entre os 12 (doze) e os 19 (dezanove) anos indiferentes a mim ou erguendo um ombro maçado

— O chato

enquanto eu sorria para eles de guarda-chuva aberto com uma garrafa na mão.